NOTAS E TRANSCRIÇÕES

ÁLVARO BOMÍLCAR

Mário Linhares

A morte de Álvaro Bomílcar, verificada, no Rio de Janeiro, a 12 de setembro do corrente ano, desfalcou a cultura brasileira de um dos elementos mais preciosos.

Fundador da campanha nacionalista, cujas doutrinas sistematizou, expondo-a, corajosamente, não só pela propaganda oral, persistente e tenaz, como por meio de panfletos e revistas, tais como — BRASÍLIA — (1917-1918) e — GIL BLAS —, fiel ao programa da PROPAGANDA NATIVISTA e da AÇÃO SOCIAL NACIONALISTA, sociedades patrióticas por êle criadas, a última declarada de utilidade pública pelo Congresso Nacional.

Entre as suas obras, contam-se as seguintes: — "Graciosa" (novela, Manaus, 1901); "Poemas Sentidos", Fortaleza, 1902; "Elegia (à memória do poeta cearense Álvaro Martins), 1916; "O Preconceito de Raça no Brasil" (doutrina nacionalista), Rio, 1915; "A Política no Brasil ou o Nacionalismo Radical" (ensaio de crítica social e histórica), obra em que consolida a doutrina que foi a paixão da sua vida, sempre vibrante de entusiasmo e fé nos destinos da nacionalidade. Em todos os seus livros de construção social, há aquela alma impertérrita e abnegada de patriota que quer um Brasil autônomo, vivendo por si mesmo, liberto da tutela econômica estrangeira ou quaisquer outros liames que lhe embaracem os movimentos de ação.

Em favor de tal objetivo, aliaram-se a êle Jackson de Figueiredo, Castro Lopes, Arnaldo Damasceno Vieira, Astrogildo de Azevedo, cônego Assis Memória, Mário Linhares, Leôncio Mousinho e outros

(1919); e Conde de Afonso Celso, Alcebíades Delamare e Raimundo Padilha (1920-1923). Tudo fêz para a fundação da "Academia de Ciências Econômicas, Políticas e Sociais", cujo escopo era a criação de uma "ciência brasileira pelo estudo das realidades observáveis no território nacional", a qual mereceu as simpatias do então Presidente Epitácio Pessoa, que reconheceu no movimento o sincero e verdadeiro sentimento de brasilidade na essência da sua pureza, sem demagogia nem propósitos sub-repticios.

Fala-se muito em — BRASÍLIA — na mudança da metrópole para o Planalto Central, velho sonho romântico dos idealistas da Primeira República, mas, olvida-se o nome de Álvaro Bomílcar como pioneiro da Brasilidade absoluta, visionário de um Brasil maior e melhor, na plenitude da sua expansão sôbre a imensidade da sua interlândia.

A campanha de Bomílcar não era apenas o anelo material do ato administrativo de transferência de sede, como se quer agora, mas, tinha significação psicológica mais profunda e patriótica, por isso que ansiava êle por um Brasil mais brasileiro, integrado em si mesmo, no desenvolvimento das suas riquezas naturais, na grandeza enorme do seu território uno e indiviso, na posse inteira da sua consciência moral e espiritual e na superioridade da sua imprevisível evolução histórica.

A par dessa feição sociológica ou filosófica, êsse preclaro espírito jamais deixou de librar-se nas asas da Poesia, em vôos de serena beleza lírica, que estão fixados em seus versos espontâneos e inspirados.

No magistério, foi, também, figura de notável projeção.

Álvaro Bomílcar da Cunha nasceu na cidade cearense do Crato, a 14 de abril de 1874, e faleceu aos 83 anos de idade, deixando um nome ilustre que honra as gloriosas tradições da intelectualidade brasileira.

Álvaro Bomílcar teve a infelicidade de morrer no mesmo dia de José Lins do Rêgo, quando a cidade se tomara de intensa emoção pelo falecimento do autor de "Menino de Engenho". Tôdas as atenções se voltavam para o admirável romancista nordestino de modo que o sociólogo de — "O Preconceito de Raça no Brasil" — teve na imprensa sòmente a publicação do convite para o entêrro, feita pela família.

Foi grave injustiça, porque se Álvaro Bomílcar se achava afastado da atividade jornalística, devido à hemiplegia que o imobilizara por anos, a sua obra de agudo sentido social e político aí está em volumes que lhe dão consagração definitiva em nossas letras.

Pertencia ao "Instituto do Ceará", de Fortaleza, e a várias importantes agremiações de letras, inclusive a "Federação das Acade-

mias de Letras do Brasil", como delegado que foi da Academia de Letras do Ceará (hoje fundida com a Academia Cearense de Letras), tendo tomado parte saliente na fase de sua formação e sendo um dos signatários dos seus Estatutos.

Um dos traços mais expressivos de Bomílcar era o seu cearensismo. Costumava dizer-me — "Dia fora do Ceará não é dia vivido". Essa frase traduzia bem a fervorosa ternura pelas plagas natais cuja imagem trazia no coração como relíquia santa.

Guardemos a memória dêsse notável conterrâneo que tanto brilho deu aos nossos foros culturais.